

ARTIGOS

PIONEIROS ALEMÃES DA EXPLORAÇÃO ETNOLÓGICA DO ALTO XINGU

Egon Schaden

(Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo)

Até o último quartel do século dezenove, a região do Alto Xingu, no Brasil central, era terra incógnita. O primeiro a percorrê-la, em 1884, foi o médico psiquiatra Karl von den Steinen, em companhia de seu primo Wilhelm von den Steinen, desenhista e pintor, e do geógrafo e astrônomo Otto Clauss. Outras quatro expedições alemãs se dirigiram para lá nos anos seguintes, com o objetivo principal de explorar a área do ponto de vista etnológico. Da segunda, em 1887, também chefiada por Karl von den Steinen, participaram, além de Wilhelm von den Steinen, o antropólogo Paul Ehrenreich e o geógrafo Peter Vogel. As duas seguintes, em 1896 e 1898, estiveram a cargo de Herrmann Meyer. Teve ele como companheiros de viagem, respectivamente, Karl Ranke, antropólogo, e Theodor Koch-Grünberg, que mais tarde se tornaria célebre por suas pesquisas etnológicas e lingüísticas na Amazônia setentrional. Em 1901, o território foi percorrido por Max Schmidt. A essa fase pioneira da presença alemã no Alto Xingu seguiu-se um longo interstício até o ano de 1926, quando Max Schmidt empreendeu a sexta expedição. A sétima, de Günther Hartmann, realizou-se em 1983.

Não se fará aqui o histórico dessas explorações. O que se pretende é pôr em relevo o alcance dos resultados das cinco primeiras, apontar algumas das principais tarefas científicas a serem cumpridas e, sobretudo, chamar a atenção

para a urgência — ante a rápida transformação pela qual passa toda a Amazônia — de se intensificarem as pesquisas na área. Seria desejável que os etnólogos alemães retomassem, de maneira decidida, o programa de estudos iniciado pelos pioneiros de que aqui se fala.

Karl von den Steinen descobriu no Alto Xingu um quadro étnico *sui generis*: em território bastante restrito e relativamente isolado conviviam, em peculiar simbiose cultural, grupos dos quatro maiores troncos lingüísticos do Brasil indígena, isto é, dos Tupí, Karaíb, Aruák e Jê, além de uma tribo de fala isolada, os Trumái. Essas populações, cada qual mantendo a sua identidade, e a ela se aferrando obstinadamente, haviam constituído, por um processo que até hoje ninguém conseguiu explicar de maneira convincente, uma espécie de confederação. Eram, ademais, portadoras de uma cultura relativamente uniforme.

As mencionadas expedições trouxeram apreciável acervo de conhecimentos sobre os aborígenes. Mas não só isso. Ampliaram o horizonte da etnologia brasileira e imprimiram novos rumos às pesquisas. Mais ainda: fizeram surgir uma nova imagem científica do índio. Destarte se corrigiram umas tantas distorções que vinham dos tempos de Alexander von Humboldt, do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e, sobretudo, do grande Karl Friedrich Philipp von Martius, cujo papel decisivo no lançamento das bases para a investigação sistemática das línguas e culturas aborígenes brasileiras aliás ninguém jamais porá em dúvida. Embora caracterizando o mundo indígena brasileiro como constituído de tribos decadentes e degeneradas, de um *mixtum compositum* ou, como ele diz, de uma *colluvies gentium*, isto é, de um conjunto de grupos humanos em fluxo contínuo e, por isso, refratários a toda e qualquer classificação, deu substancial contribuição no empenho de se encontrar um mínimo de ordem no emaranhado de línguas e culturas. Mas foi a Karl von den Steinen e a Paul Ehrenreich que coube o mérito de propor um esquema classificatório válido ainda hoje em suas linhas fundamentais. Partiram eles, como não poderia deixar de ser, do levantamento e da criteriosa análise de vocabulários e textos para a determinação do parentesco de culturas. Isto é, puseram a lingüística a serviço da etnologia.

É preciso, pois deixar bem claro que as expedições pioneiras ao Alto Xingu não foram apenas de importância capital para o conhecimento da área, mas de todo o Brasil indígena. Foi por isso que Roquette-Pinto chegou a a firmar que a obra de von den Steinen refundiu as bases da etnologia brasileira. Quais são essas bases? Antes de mais nada, por certo, a classificação das tribos, em especial a sua situação no quadro geral dos idiomas.

Aliás, um dos estudos mais significativos da etnologia sul-americana dos anos de que aqui nos ocupamos é um texto de Paul Ehrenreich, publicado em 1891, sobre a classificação, as migrações e a distribuição espacial das populações nativas do Brasil. Trata-se de uma síntese e interpretação magistral dos dados

então disponíveis. Escrito há quase um século, o artigo contém, como não podia deixar de ser, afirmações e conjeturas que em virtude de pesquisas posteriores tiveram de ser descartadas. Mas por muito tempo serviu de ponto de apoio e quadro de referência para a formulação de problemas a serem investigados não só com relação ao Alto Xingu, mas de todo o território brasileiro.

*

* *

Convém que a esta altura nos detenhamos com um problema a um tempo etnolingüístico e etno-histórico a que Karl von den Steinen e, em parte, também Paul Ehrenreich se dedicaram com particular empenho. Trata-se da situação do idioma Bakairí no grande tronco Karaíb e da provável rota migratória dos avoengos dos Bakairí pelo continente sul-americano.

Já no final do século dezoito o grupo lingüístico Karaíb fora reconhecido por Hervás, a quem se deve a primeira tentativa de elaborar uma classificação menos sumária dos idiomas indígenas do Novo Mundo. Mais tarde, d'Orbigny, von Martius, Baptista Caetano e outros passaram a considerá-lo, sobre a base de uma argumentação um tanto nebulosa, como integrante do conjunto de línguas Tupí. Von den Steinen, apoiado sobretudo em suas próprias pesquisas de campo em seus magistrais estudos comparativos, corroborados em alguns pontos por material colhido por Ehrenreich, o restabeleceu de maneira concludente como grupo distinto ou autônomo. Foi um passo decisivo na lingüística sul-americana, mas também na definição do quadro etnográfico.

É um dos exemplos. Outro é o da delimitação do grupo Aruák, para a qual continuam valendo os critérios propostos por von den Steinen. Outro, ainda, o que diz respeito aos idiomas Tukáno, em cuja caracterização e descrição se destacaria depois Koch-Grünberg, que, como é notório, teve as suas primeiras experiências de pesquisa no Alto Xingu.

Alguns anos depois de sua segunda viagem, Karl von den Steinen publicou um volume substancial sobre o Bakairí, uma das línguas Karaíb do Alto Xingu. Seu principal informante, um índio semicivilizado, o acompanhou em ambas as expedições e lhe forneceu copioso material. Com este o pesquisador produziu uma obra de mais de quatrocentas páginas, que continua sendo, apesar de todos os progressos da lingüística moderna, uma das mais importantes sobre um idioma indígena do Brasil.

O objetivo fundamental era obter clareza sobre as migrações das tribos Karaíb e explicar o estreito parentesco do Bakairí especialmente com o Chayma e o Kumanagoto, as línguas Karaíb mais setentrionais do continente sul-americano.

O autor chegou à convicção de que o Bakairí, o idioma mais meridional do grande grupo, era também o mais primitivo. defendeu a tese de que os Karaíb tiveram o Brasil central como ponto de partida de suas migrações, dirigindo-se para o norte. Para sua argumentação, pareceu-lhe prioritária a tarefa de reconstituir pela análise comparativa a língua matriz de que se originaram os sistemas do grande tronco. Embora o interesse etnológico estivesse em primeiro plano, procurou, como declara, conduzir o trabalho, de maneira objetiva, em termos estritamente lingüísticos. Somente depois disso caberia investigar em que região teria vivido o povo que falava essa protolíngua. Na comparação, sobretudo léxica, de seu material com o que se reunira durante séculos sobre outros idiomas Karaíb centro e sul-americanos, chegou à conclusão, entre outras, de que a transformação dos idiomas em confronto obedece a rígidas leis fonéticas, responsáveis por correspondências, o que, porém, não quer dizer coincidências. Conseguiu, enfim, estabelecer, em suas linhas fundamentais, o caráter da língua que teria sido o proto-karaíb, sem pretender, evidentemente, reconstituí-la.

Hoje se considera obsoleta e insatisfatória a técnica de pesquisa lingüística usada por von den Steinen, que, aliás, tinha plena consciência das limitações e dos perigos da comparação léxica a que teve de recorrer pela própria natureza do material disponível. Não obstante, o resultado principal a que chegou e que diz respeito ao caráter arcaico dos idiomas Karaíb que encontrou no Alto Xingu continua válido e tem sido corroborado por estudos feitos nas últimas décadas. É bom mencionar também que a serenidade, por todos reconhecida, com que apresenta e examina o seu material confere a este um valor permanente. E diga-se, ainda, que foi dos primeiros, se não o primeiro, a publicar *ipsis verbis* textos míticos Karaíb com cuidadosa tradução interlinear.

O sábio tinha em mira, como foi dito, a comprovação de uma hipótese de interesse etnológico, a de que o centro de dispersão dos Karaíb estaria situado no coração geográfico da América do Sul, ou seja, na área das cabeceiras do Madeira, do Tapajós ou, talvez, do Alto Xingu. O encontro, por Paul Ehrenreich, dos Apiaká, tribo Karaib do baixo Tocantins, ou seja, mais ou menos a meio caminho na suposta rota para as Guianas, foi recebido como argumento decisivo a favor da suposição. Ainda mais porque, de acordo com Ehrenreich, a língua Apiaká, se situava "no meio" entre o Bakairí e o Galibí e porque, segundo a tradição oral dos Apiaká, eles se haviam dirigido para o norte em consequência das lutas que lhes moviam os Suyá, notoriamente a mais agressiva das tribos do Alto Xingu. Sobre base mais ampla e com extraordinário brilho, von den Steinen retoma a discussão do tema em sua grande obra sobre a segunda viagem, insistindo na localização meridional da "pátria primitiva" dos Karaíb. Estudos posteriores vieram demonstrar que a hipótese devia ser abandonada. Nem por isso havemos, porém, de esquecer o aspecto positivo de todo esse esforço. O mérito principal talvez seja o grande impulso dado à comparação sistemática e

metódica de línguas índias sul-americanas entre si aparentadas, no intuito de se chegar a uma visão mais adequada da realidade etnolingüística e, por isso mesmo, também etno-histórica. E ninguém deixará de levar em conta, para uma justa apreciação, que naquela época não se cogitava sequer de conceitos hoje corriqueiros e de métodos tais como, para dar um exemplo apenas, o da glotocronologia, familiares aos que hoje em dia tratam desses assuntos.

Ainda no início deste século, a etnologia era vista como a ciência que devia, na medida do possível, remontar aos primórdios da humanidade, a fim de investigar a origem da cultura e descrever os estágios do processo evolutivo que teria levado à emergência das "altas culturas" ou civilizações.

Daí o extraordinário interesse despertado pela descoberta, no centro da América do Sul, de povos que viviam, como se costuma dizer, na "idade da pedra" e que, portanto, seriam representantes vivos da infância cultural do gênero humano. Não se há de estranhar, por isso, que na obra-prima de Karl von den Steinen, o clássico volume em que apresenta os resultados da segunda expedição, ocupem lugar de destaque os problemas ligados à origem e à evolução da cultura. De uma forma ou de outra, o espírito carismático de Adolf Bastian pairava sobre toda uma geração de pesquisadores. Assinale-se, não obstante, que, ao contrário de von den Steinen, os demais pouco se preocupavam em interpretar à luz de postulados teóricos suas observações entre os nativos. Em consonância com a visão evolucionista, a origem dos mais variados aspectos da cultura material e não-material se impõe na obra do mestre como tema, por assim dizer, recorrente e reiterativo das reflexões. E, devido a sua formação de psiquiatra, é compreensível a tendência de discutir os problemas em termos predominantemente psicológicos, ou seja, com vista à mentalidade peculiar a um certo estágio cultural. Nas tribos xinguanas esta não podia ser outra senão a do primitivo coletor e caçador, já que, no entender do etnólogo, essas populações, embora tendo adotado o cultivo da mandioca e de outras plantas, pensavam, interpretavam o mundo e reagiam não como lavradores, mas como grupos de economia rudimentar ainda puramente extrativa.

Hoje se fala muito em etno-história do Alto Xingu. Como quer que seja, ninguém logrou ainda dizer de que maneira veio afinal a configurar-se o que – com as devidas ressalvas, como sabemos, – se chama de cultura alto-xinguanas. Vários dos fatores que atuaram no decorrer do tempo, uns mais, outros menos óbvios, de há muito foram apontados pelos estudiosos, mas não há dúvida de que estamos longe de uma explicação convincente do processo como um todo. E talvez seja tarde para a reconstituição, uma vez que as transformações dos últimos decênios têm sido tais que muita coisa se perdeu para sempre.

Na medida do possível deverão, no entanto, submeter-se a uma apreciação crítica sobre a base dos elementos ainda disponíveis, quer as hipóteses e conjecturas dos primeiros exploradores, quer as de pesquisadores modernos, como por exemplo, a de Gerhard Baer, segundo a qual as tribos Aruák e os Bakairí teriam chegado ao Alto Xingu em época muito recente, nos séculos XVII e XVIII, as do grupo Tupí apenas no final desse período e depois deles os Trumái. Diante da questão de saber como foi possível constituir-se em tão pouco tempo o fundo comum das culturas da área, Baer lembra a probabilidade de já ter havido maior ou menor aculturação entre as tribos antes de se estabelecerem no Alto Xingu, que o etnólogo brasileiro Eduardo Galvão chamou de área de compressão cultural.

Um dos aspectos mais intrigantes do problema continua sendo o das manifestações específicas ou, digamos, distintivas, de aspectos e elementos que na esfera da cultura material como da não-material marcam de maneira inequívoca o surto de inovações oriundos da interação de sistemas-de-vida originariamente bastante heterogêneos.

E como podiam, pergunta-se, tribos de tão diversa extração, mantendo cada qual o seu idioma, abdicar em apenas dois ou três séculos de marcantes tradições milenares pelo simples fato de partilharem uma situação similar, de adaptação a um novo ambiente natural e de oposição a grupos hostis que os assolavam de todos os lados e de, por isso mesmo, estarem obrigados a encontrar um equilíbrio razoável entre a agressividade e a coexistência pacífica que se impunha?

É claro que a adaptação de seus sistemas sócio-económicos às condições geográficas da região por si só não explica o denominador comum das culturas.

*

* *

Em 1936, Fritz Krause, um dos mais diligentes entre os que estudaram culturas indígenas do Brasil, apresentou em Leipzig, à reunião anual da Sociedade de Etnologia, um interessante trabalho sobre as tarefas de pesquisa na região das nascentes do Xingu. É, em síntese, uma visão dos problemas etnológicos da área, tal como nô-la deixaram os primeiros exploradores. Decorrido meio século, valeria talvez a pena examinar detidamente o texto e verificar em que medida o desiderato foi cumprido e quais os problemas que continuam a desafiar-nos. Restrinjo-me aqui a alguns pontos que considero capitais.

Krause, que publicou uma obra volumosa sobre os resultados de sua expedição ao Araguaia, onde estudou principalmente os Karajá e seus parentes

Xavajé, nunca estivera no Xingu, mas tinha a sua disposição, no Museu de Etnologia de Leipzig, os arquivos de Wilhelm von den Steinen e Herrmann Meyer, como também uma grande coleção etnográfica colhida por este último entre os índios xinguanos. Escreveu uma série de trabalhos baseados no estudo desse copioso material, de coleções existentes em outros museus, principalmente no de Berlim, e das obras e artigos dos primeiros exploradores.

Quanto às tarefas de pesquisa que enumera, refere-se em primeiro lugar ao estudo dos deslocamentos espaciais das tribos xinguanas. Em conexão com isso, considera importante indagar a época em que se teria dado o povoamento da área, assunto, aliás, atrás mencionado e discutido nas últimas décadas por vários autores, sem que até hoje se tenha chegado a elucidá-lo.

A seguir, trata da caracterização do Alto Xingu como "província cultural". Relaciona as tribos existentes e indica a sua distribuição pelo território. Destacando os Trumái e os Suyá como pertencentes a outra "província", levanta a questão de saber em que medida os primeiros chegaram a assimilar-se ao padrão cultural da região.

Após referir-se à necessidade de pesquisar melhor as diferenças entre os tipos físicos das etnias, salienta como fundamental a necessidade de explicar como é possível tribos tão diferentes serem possuidoras de uma "cultura comum". De uma forma ou de outra, o problema já intrigara a Karl von den Steinen, a Meyer e a Schmidt e continua intrigando a quantos encaram em conjunto o quadro etnológico do Alto Xingu. A resposta à pergunta depende, é claro, antes de mais nada, do conceito que se tenha de "cultura comum", da ênfase que se queira dar, quer às semelhanças, quer às diferenças nos sistemas de vida das tribos. A questão da homogeneidade e da heterogeneidade do quadro cultural do Alto Xingu ainda deverá ser objeto de muita pesquisa. Quanto a Krause, menciona ele, com sobeja razão, como possíveis ou prováveis fatores da aculturação entre as etnias as relações, predominantemente pacíficas, entre as tribos da área, como também o comércio intertribal. Insiste em que ambos os fatores e os seus resultados devem ser investigados em maior profundidade.

Boas contribuições sobre o problema foram, aliás, fornecidas por autores mais recentes, entre elas as de Eduardo Galvão, que em importante estudo de 1953 resumiu as conclusões a que chegou após dois períodos de intensivo trabalho entre os índios da região.

Citemos *ipsis verbis* as frases incisivas com que Krause volta à carga: "Cumpra, ademais, investigar em que é que, afinal, consiste o caráter homogêneo dessa cultura. Para tanto, impõe-se a análise da cultura das diferentes tribos dessa província cultural, bem como a comparação com a de outras províncias, vizinhas.

de que se trata aqui de uma cultura bastante homogênea". Diante disso, considera necessário que se pesquisem em maior profundidade os traços distintivos das diferentes culturas ou de grupos de culturas. O "grande problema científico" a ser resolvido e a cuja solução visavam, como assegura, todos os seus estudos sobre o Alto Xingu é o da contribuição das diferentes tribos ou grupos de tribos para a formação do que se chama de "cultura comum". reconhece que não se chegará a resultados concludentes sem pesquisas intensivas de cada uma das tribos e das várias esferas culturais, tarefa esta que, lembra, foi iniciada com êxito por von den Steinen e Meyer.

Krause aponta, ainda, uma série de problemas específicos a serem encarados e que dizem respeito à vida econômica e social, às práticas religiosas, às representações míticas e à influência da civilização sobre as diferentes culturas tribais.

Torna a insistir, por fim, na necessidade de se estenderem as pesquisas às "províncias culturais" vizinhas, para se conhecer melhor a situação etno-histórica e etnogeográfica do Alto Xingu com referência aos territórios limítrofes e aos grupos indígenas lá existentes.

Antes de passar para outro tema, cite-se ainda, quase que a título de curiosidade, a frase com que o sábio inicia a sua judiciosa conferência: "A região das nascentes do Xingu é tida em geral como bem conhecida do ponto de vista geográfico e etnológico".

Para a documentação das culturas xinguanas foram providenciais os vínculos dos primeiros exploradores com grandes museus, que tinham interesse em aumentar os seus acervos. Torna a lembrar que sobre os viajantes pairava o espírito de Adolf Bastian, o fundador do museu de Berlim e incansável colecionador de documentos etnográficos de todo o mundo. Karl von den Steinen trouxe da segunda expedição um total de 1235 peças de sete tribos do Alto Xingu. As coleções mais ricas foram as de Herrmann Meyer. Dele o museu de Leipzig adquiriu mais de 1700 peças. Parte de seu material foi para Berlim, Stuttgart e Leningrado. Os artefatos que trouxe têm, aliás, valor especial pelos minuciosos desenhos que acompanham o inventário. Infelizmente as coleções de Berlim e de Leipzig foram em grande parte destruídas por bombardeios na Segunda Guerra Mundial. Trata-se de uma perda irreparável, já que — isto vale sobretudo para as peças coletadas por von den Steinen — se tratava de objetos feitos com o tradicional esmero e sem o uso de instrumentos de ferro. No decorrer deste século, sertanistas, viajantes e pesquisadores do Brasil e de outros países reuniram muitas coleções, algumas delas riquíssimas, que, entretanto, não substituem de modo cabal as da primeira fase da exploração. Felizmente, em todo caso, o acervo do museu de Berlim teve há poucos anos um substancial reforço,

pois incorporou um grande cabedal trazido pela sétima expedição alemã ao Xingu, chefiada por Günther Hartmann.

Dentre as coleções existentes na Europa, merece ainda especial menção a de Gerhard Baer, reunida em 1955. Encontra-se no museu etnográfico de Basiléia.

No princípio, a representação iconográfica de aspectos e elementos culturais cabia sobretudo ao desenhista. Na tarefa se destacou Wilhelm von den Steinen, que acompanhou seu primo nas duas expedições. Até hoje, ao que parece, ninguém reconheceu devidamente os méritos desse notável artista no âmbito da etnologia sul-americana. Não caiu no esquecimento, mas sempre ficou na sombra de seu grande primo, seu "irmão maior", na terminologia de parentesco dos Bakairí. Talvez um dia alguém se anime a fazer uma avaliação crítica de seus trabalhos de interesse para a arte como para a ciência. Valeria a pena.

A documentação fotográfica era difícil e penosa. Na medida do possível foi feita por Ehrenreich. Retratou cenas da viagem e, em especial, tipos físicos, em cuja análise iria basear em grande parte sua obra clássica sobre a antropologia somática de tribos brasileiras.

A palavra de ordem do velho Bastian, de salvar para os pósteros o maior número possível de testemunhos dos primórdios da história cultural da humanidade, esbarrou por muito tempo, no tocante à documentação visual e audiovisual, com o atraso em que nesse campo se encontravam as nossas técnicas. Ao que consta, os primeiros documentos cinematográficos sobre culturas indígenas sul-americanas são os que Theodor Koch-Grünberg e H. Schmidt produziram entre os Taulipáng, na região do Roraima. Data do ano de 1911 uma filmagem por eles feita e editada, ou melhor, editorada, em 1964, pelo Instituto do Filme Científico de Göttingen, com comentário científico de Otto Zerries.

A partir de 1944 e 45, quando, por iniciativa do General Rondon, foram ao Alto Xingu as primeiras expedições da equipe fotográfica do Serviço de Proteção aos Índios, intensificou-se a documentação por meio de fotografias e filmes. Para isso contribuíram bastante a chegada ao Culuene, em 1946, dos irmãos Villas-Boas, ou seja, da vanguarda da Expedição Roncador-Xingu, e as facilidades proporcionadas pela Fundação Brasil Central e pela Força Aérea Brasileira. Instituições científicas, tais como o Museu Nacional, mandaram para a região pesquisadores que colheram bom material fotográfico, em parte utilizado nos trabalhos que publicaram. Mais tarde, dirigiu-se para lá um número crescente de equipes de cinema e de televisão, em sua maioria brasileiras e européias, que

produziram reportagens, algumas muito bem feitas. Nesses empreendimentos não havia, como é natural, objetivos propriamente científicos, mas o intuito de satisfazer o público ávido de conhecer algo dos mistérios de um mundo exótico. O que não impede que os documentários tenham também valor etnológico. Conviria, por isso, fazer um cadastro desse material, tarefa nada fácil, mas por certo compensadora. Deve ser, é claro, um cadastro com comentários críticos, uma vez que, como sabemos, "não há nada tão subjetivo como a objetiva". Ainda mais quando se pretende, acima de tudo, apresentar coisas que prendam a atenção do espectador leigo.

São poucos os alemães que filmaram a vida e a cultura dos xinguanos. Quando estive na área em 1958, encontrei-me várias vezes com Erich Wustmann, conhecido cinegrafista e autor de numerosos livros de viagem. Nos três meses que lá passou fez alguns filmes e tirou muitas fotografias, aliás excelentes, sobretudo dos Kamayurá, cujos cantos também gravou. Harald Schultz, etnólogo brasileiro de descendência alemã, foi quem até hoje mais se destacou no Brasil na documentação de culturas indígenas por meio de filmes, inúmeras fotografias e coleções de toda sorte de artefatos. No Alto Xingu trabalhou principalmente entre os Waurá, os Suyá e os Txukaramãe. Do catálogo da "Encyclopaedia Cinematographica" do Instituto do Filme Científico, de Göttingen, constam cerca de setenta filmes por ele produzidos, pequenos verbetes visuais de interesse estritamente científico extraídos de documentários, alguns de longa metragem, por ele feitos entre índios de todo o Brasil. Da "Encyclopaedia Cinematographica" fazem parte também contribuições de René Fuerst, pesquisador suíço que no Alto Xingu filmou entre os Kalapálo e os Yawalapíti. São esses os principais trabalhos de pesquisadores alemães, ou ligados à cultura alemã, no campo da documentação foto e cinematográfica do mundo indígena do Alto Xingu. É pena que nenhum dos que foram mencionados tiveram oportunidade de fazer algo comparável ao que realizou, por exemplo, o etnólogo norte-americano Thomas Gregor, que conviveu por dezoito meses com a tribo xinguanas dos Mehináku e conseguiu levar para a aldeia uma equipe cinematográfica que filmou, sob sua criteriosa orientação, o "drama" da vida diária da comunidade tribal. Sobre a monografia de Gregor, que é, por assim dizer, o *script* do filme, escrevi alhures que ela "foge deliberadamente do padrão comum das etnografias tradicionais. (...) Em vez de recorrer a um modelo estrutural para explicar as normas que regem a interação social entre os Mehináku, o pesquisador se interessa, antes de mais nada, por captar o desempenho real e concreto dos papéis sociais dos membros do grupo como e enquanto participantes de um sistema de ação. (...) No futuro já não se há de escrever sobre as chamadas 'culturas xinguanas' sem levar em conta o trabalho do Professor Thomas Gregor". Não seria o caso de sugerir que algum etnólogo alemão se decida a retomar em perspectiva moderna e com os recursos técnicos

hoje disponíveis o programa de trabalho iniciado há um século no Brasil Central e depois interrompido pelas vicissitudes da história?

*

* *

Os descobridores do Alto Xingu sabiam muito bem que a sua passagem, ainda que rápida, pelo território haveria de ter conseqüências não apenas positivas, mas também negativas para os aborígenes que lá vivem. Já o próprio von den Steinen exprimiu profundo pessimismo ao escrever que Karilose (Carlos, na pronúncia Bakairí de seu nome), o primeiro "historiador" dessas tribos, seria também o último. Tinha em mente o que se passara no correr dos séculos com numerosas populações nativas que não resistiram ao impacto da colonização européia. Vejamos os termos incisivos em que Karl Ranke, companheiro de Meyer em sua primeira viagem, formula a sua previsão sobremodo sombria: "Pobre povo! O teu destino pode ser calculado de antemão. Pelas nossas expedições ao Xingu, de que tanto nos orgulhamos, abriu-se a porta por tanto tempo fechada e, cedo ou tarde, virá Pandora e deixará sair de seu vaso os benefícios da civilização. Já chegaste a conhecer o ferro o cão e a galinha e conhecerás ainda uma porção de animais domésticos úteis e, sobretudo, uma porção de plantas de cultivo, a banana, a cana-de-açúcar, o arroz, o feijão. Talvez venhas a ser batizado. Mas a epidemia de blenorria, que te assolou após a tua primeira visita ao irmão branco terá também um sucessor trás outro. Lues, lepra, tuberculose, sarampo, escarlatina, varíola, febre amarela e beribéri. Não admira, na verdade, que povos não civilizados se extingam ante a civilização". (1898, p. 131 s.)

Em grande parte, infelizmente, o soturno prognóstico estava certo. Segundo a estimativa de Meyer havia na área em 1897 um total de talvez 39 aldeias, o que devia corresponder a cerca de 4000 almas. Houve, como sabemos, epidemias catastróficas, principalmente sucessivos surtos de gripe, com um declínio populacional que levou a existência de grupos inteiros a um lúgubre desfecho. O número de remanescentes é forçado em, no máximo, 800 pessoas, distribuídas em umas 10 ou 11 aldeias. Nas últimas décadas registrou-se uma estabilização e, em alguns casos, até uma incipiente recuperação demográfica graças às medidas dos órgãos oficiais de assistência ao índio. Não se dirá que o Alto Xingu esteja a salvo dos perigos que sempre o ameaçaram, mas em todo caso podemos, por enquanto, confiar no que lá se faz e contar com a sobrevivência das populações que lá ainda existem.

Dos primeiros exploradores não se haveria de esperar especial empenho em analisar fenômenos aculturativos. Era um estudo ainda alheio aos objetivos da etnologia. A própria palavra aculturação era novidade na época. O primeiro ou, pelo menos, um dos primeiros a empregá-la foi Paul Ehrenreich. Não há dúvida

de que o processo de aculturação intertribal entre os xinguanos não deixou de despertar a curiosidade dos viajantes, que, entretanto, devido à curta permanência entre os diferentes grupos, não podiam senão fazer observações rápidas e superficiais sobre o assunto. Quanto às mudanças de cultura provocadas na área pelo contacto com a civilização, não havia chegado o tempo de estudá-las em maior profundidade, já que foram os próprios pioneiros que desencadearam o processo. Von den Steinen esboçou alguns "apontamentos psicológicos" sobre a reação do índio ante as coisas sobremodo curiosas de que vinha munido o homem branco, dentre as quais, como não podia deixar de ser, se destacavam os utensílios de ferro e de aço. Quis, diga-se de passagem, a ironia da História que fosse precisamente um sábio chamado von den Steinen, procurando investigar autênticos remanescentes da Idade da Pedra — em cuja tecnologia havia, aliás, muito menos pedra do que madeira, ossos, conchas e palha — o responsável pelo desencadeamento da revolução do ferro no Alto Xingu. Na segunda viagem distribuiu entre os índios do Culiseu nada menos do que 1100 facas e cerca de 30 machados de aço. Os efeitos foram de tal ordem, lembra seu primo Wilhelm, que doze anos mais tarde já foi difícil para Herrmann Meyer coletar um número razoável de objetos feitos com o antigo esmero. A cobiça do ferro se tornou tamanha que, por exemplo, os Bakairí, os mais bem estudados por von den Steinen, não tardaram a deixar as suas aldeias do Xingu, emigrando mais para o este, onde foram juntar-se com irmãos-de-tribo semi-aculturados, que já usufruíam os chamados benefícios da civilização. Uma vez que Maomé não ia à montanha, a montanha devia ir a Maomé. Note-se, porém, que ainda antes desse êxodo, único, talvez, pelos motivos que o causaram, na história do índio brasileiro, a comunicação entre Bakairí semi-aculturados e bravios, estabelecido ou restabelecido, como sabemos, pelas expedições de von den Steinen, provocaram rápidas e profundas transformações no panorama da distribuição espacial das tribos. Já em 1900, numa conferência feita logo após o regresso de sua segunda viagem, Herrmann Meyer diz o seguinte sobre os Trumái, os Kamayurá, os Awetü, os Yawalapíti, os Mehináku, os Auwauwiti e os Bakairí: "Quero mencionar ainda de passagem os deslocamentos e as transformações que verifiquei. É muito curioso o fato de todas as tribos citadas haverem mudado o sítio de morada". E acrescenta: "Nisto se manifesta nitidamente o empenho de aproximar-se mais do Culiseu, que, pelas relações dos Baikirí bravios com os mansos, parece desenvolver-se como espécie de via de importação de produtos culturais". (1900) p. 1260. Estão aí os primeiros passos de um movimento que, por motivos análogos, iria, daí por diante, configurar e reconfigurar o panorama etnogeográfico do Alto Xingu. Não é aqui o lugar de discutir o assunto, que, como vimos, foi apontado por Krause entre os que mereciam pesquisas mais minuciosas. Digamos apenas que, apesar dos progressos feitos, ainda há muito que investigar. Ao primeiro "Umbruch" (não sei como traduzir a palavra, que, em todo caso, implica a idéia de novos rumos) seguiu-se outro, com a crescente intensificação dos contactos desde os anos quarenta, no qual os xinguanos se

foram familiarizando cada vez mais com armas de fogo, aviões, rádios transistorizados, vasilhame de alumínio, lanternas elétricas, anzóis, fios de náilon e mil e tantas outras coisas do mundo dos brancos.

Já foi dito, com acerto, que o caráter distintivo do processo aculturativo no Alto Xingu se deve em grande parte à ausência de pressão das frentes de expansão da sociedade nacional. Apesar de conhecerem e praticarem comércio intertribal, aliás institucionalizado, permaneceram por longo tempo ingênuos em tudo que diz respeito à economia, como nós a entendemos. Existe o conceito de equivalência, pelo menos relativa, de valores mercantis, mas não há o de lucro comercial, alheio ao espírito indígena. Nos negócios de troca com o homem branco são interesseiros. Não têm, porém, nada de mentalidade "capitalista". Daí decorre uma tarefa árdua para os que se incumbem de prepará-los para um entrosamento satisfatório na economia regional, que, mais dia, menos dia, queiramos ou não, se tornará imperativo.

Coisa semelhante vale para outras esferas da cultura. A tecnologia, por exemplo, continua sendo, em essência, a dos antepassados. De há muito começou, porém, a deteriorar-se. Os artigos de nossa indústria são coisas de que o índio hoje precisa, mas que não sabe produzir. Substituindo o arco e a flecha pela espingarda, necessita munição, que só o branco lhe pode fornecer. Quando lá descí do avião, em 1957, a primeira pergunta que me fizeram foi se eu tinha trazido balas 22. O que mostra bem o grau de dependência a que chegaram. Fósforos, pilhas para lanternas elétricas e uma infinidade de outros itens se haviam tornado indispensáveis em sua vida cotidiana. Só os velhos dominavam ainda a técnica de produzir fogo com dois pedaços de pau, mas não a empregavam.

Tudo isso nos vem à mente quando relemos o capítulo que, após a sua primeira expedição, Max Schmidt dedicou em seu livro de 1905 à "penetração da cultura européia na região das cabeceiras do Xingu". É um texto pioneiro, em que tenta abordar o problema em termos científicos e em que há pelo menos um vislumbre das tendências aculturativas que se estavam esboçando. Mais tarde, depois de outras pesquisas no Brasil Central, retomou com maior vigor o assunto da mudança cultural num estudo sobre os Bakairí, publicado alguns anos antes de sua morte na Revista do Museu Paulista. Depois disso, a aculturação dos índios xinguanos não foi mais estudada pelos alemães, salvo perfunctoriamente num pequeno artigo de Wilhelm Saake, de 1952, até vir afinal a ser objeto de investigação mais sistemática por Günther Hartmann em 1986. O abundante material que trouxe está em fase de elaboração.

Por muito tempo, os estranhos que se embrenhavam pelo sertão xinguanos eram pequenos grupos de indivíduos que não constituíam nenhuma unidade

social. Ainda em 1957 e 1958, quando lá estive, a quase totalidade dos índios não tinha senão uma idéia muito vaga das instituições e dos vínculos sociais e econômicos que regem a existência no mundo dos brancos. Não sabiam o que é a nossa vida familiar, pois mal haviam tido oportunidade de conhecer um grupo doméstico de gente civilizada. Era significativa a insistência, sobretudo das mulheres, com que me interrogavam sobre a minha condição, não de indivíduo, mas de membro de uma família, de um grupo de parentesco. Queriam saber se eu tinha mulher, se tinha filhos, quantos, de que sexo, e assim por diante. De então para cá muita coisa mudou. Representantes de todas ou quase todas as tribos têm visitado São Paulo, Brasília e outras cidades, onde permaneceram às vezes por longas temporadas. Enfim, aos poucos o branco deixou de ser o ente misterioso que era no início do século.

*

* *

Dos primeiros desbravadores do sertão xinguano ninguém haveria de esperar que se concentrassem desde logo em pesquisas intensivas. Importava, antes de mais nada, proceder a um levantamento geral do panorama étnico da região como um todo. E, devido às precaríssimas condições de locomoção e transporte, a permanência nas várias aldeias se reduzia sempre a rápidas visitas. Não deixa de ser significativo que, ainda em 1936, Fritz Krause menciona com um ponto de exclamação (!) o fato excepcional de Meyer haver demorado quatro dias numa aldeia Trumái do baixo Culuene. É difícil imaginar que, em tais circunstâncias, alguém se dispusesse a empreender um estudo etnológico em profundidade. Qualquer etnólogo de hoje reagiria indignado a uma insinuação dessa ordem.

Não obstante, já von den Steinen se convencera de que era preciso fazer pesquisas intensivas de cada grupo, com vistas a uma análise comparativa sobre a base de monografias tribais. Assim, a quinta expedição, de Max Schmidt, em 1900, partiu com a incumbência de dar início ao programa. Schmidt devia ir aos Kamayurá e com eles conviver o tempo necessário para colher os elementos indispensáveis à elaboração de um trabalho abrangente que desse uma visão integrada do sistema cultural da tribo. O projeto falhou, porém, por causa de sucessivos contratemplos. Antes de alcançar o território dos Kamayurá, o etnólogo se viu obrigado a retroceder, desistindo do intento. Ainda bem que a coleção etnográfica, que reunira com muito sacrifício, chegou depois a Berlim, onde ele e outros puderam aproveitá-la para estudos sobre problemas específicos. O próprio Schmidt levou a cabo, por exemplo, uma cuidadosa investigação sobre a técnica do trançado e a origem da arte ornamental. No trabalho, que logo se tornou célebre e deu margem a muita discussão, defendeu a tese, em desacordo com a explicação de von den Steinen, de que os padrões ornamentais

característicos da arte xinguana derivam da técnica do trançado, por sua vez determinada em parte pela forma das folhas de palmeira usadas na confecção de artefatos.

*

* *

Por estranho que pareça, foi apenas em 1953 que se publicou o primeiro trabalho que até certo ponto pode ser considerado uma monografia sobre uma tribo xinguana. Cinco anos antes, o autor, Kalervo Öberg, estivera dois meses e meio no Culuene. Dá uma boa, conquanto muito sumária, descrição da cultura Kamayurá, principalmente dos aspectos econômicos. De 1955 data um livro de Robert F. Murphy e Buell Quain sobre os Trumái. Por essa época começou a haver progressos notáveis, sobretudo porque um número crescente de pesquisadores brasileiros e estrangeiros se foi estabelecendo para períodos de convívio razoavelmente longos no seio de uma ou mais populações nativas do território. Dos textos que escreveram, alguns têm um cunho que se poderia dizer monográfico. A maioria, porém, se constitui de artigos ou ensaios sobre temas ora mais, ora menos restritos. Não possuímos até hoje, sobre nenhuma tribo do Alto Xingu, uma monografia sequer que nos dê uma visão de conjunto ampla, consistente e integrada do sistema sociocultural, como, por exemplo, nô-la apresentam os volumes de Herbert Baldus e Charles Wagley sobre os Tapirapé.

O que surpreende é a quase-ausência da etnologia alemã em todo esse movimento de intensificação e renovação dos estudos sobre o Alto Xingu. Falo em quase-ausência porque seria injusto não dar o devido destaque à contribuição de Mark Münzel, autor de duas obras sólidas e modelares sobre os Kamayurá. A primeira, de 1971, trata das idéias e práticas religiosas e a segunda, de 1973, apresenta grande número de textos míticos, com excelentes comentários. E cumpre fazer referência, também, à mais recente publicação sobre a área, da autoria de Günther Hartmann, que nos apresenta um abrangente quadro histórico e atual do mundo alto-xinguano, baseado no conhecimento da copiosa bibliografia, antiga e moderna, e nas experiências colhidas em campo durante a sua expedição de 1983, em que visitou cerca de uma dezena de aldeias. Dispomos, assim, de uma nova descrição panorâmica, que há muito estava pendente. Esperamos que não tarde a ser traduzida para o português.

Tempos houve em que na gíria dos etnólogos o Xingu era conhecido como o "rio dos alemães". E ainda hoje os que procuram fazer ciência entre os nativos da região das nascentes do grande rio não podem prescindir do material colhido, nem das interpretações ou conjecturas que nos deixaram os pioneiros que há um século lá estiveram. Sobre não poucos aspectos da área continua sendo, nos escritos deles, que buscamos os dados mais consistentes e informações

fidedignas. De há muito, porém, o Xingu deixou de ser o "rio dos alemães". E não o será mais, pelo menos no sentido em que o era.

As comemorações do centenário das primeiras expedições me levam a sugerir que se procure retomar, ainda que em termos necessariamente diferentes, a tradição que não tão cedo se interrompeu. de qualquer forma, urge intensificar as pesquisas, e não se compreende por que admitir a ausência dos alemães nessa empresa. Quando, em 1887, von den Steinen passou algumas semanas na capital matogrossense, às voltas com os preparativos da viagem e ansioso por afinal partir para o sertão, diziam-lhe os cuiabanos: "O Xingu não foge". Hoje diríamos, em visão retrospectiva, que para a ciência muita coisa do Xingu fugiu. Mas, em que pese a quanto tenham realizado nestas últimas décadas cientistas brasileiros, norte-americanos, franceses e de outros países, e apesar do muito que se perdeu, todos são unânimes em reconhecer, explícita ou implicitamente, que na área ainda há inúmeros desafios para quem esteja disposto a indagar, a ver e a ouvir.

Parece-me viável a idéia de se constituir, talvez sob a égide do museu de Etnologia de Berlim, um grupo de trabalho que se disponha a planejar um projeto amplo de pesquisas coordenadas e integradas, um programa de âmbito internacional, em que etnólogos alemães da atual geração colaborem com colegas brasileiros e de outras terras. A discussão das diretrizes e dos objetivos deveria na medida do possível, contar com a participação de representantes da Fundação Nacional do Índio, de institutos universitários, de museus e de associações científicas. Ter-se-á em mira evitar ao máximo a dispersão de esforços e o desperdício de recursos, que, sempre limitados, hão de aplicar-se de maneira racional. Uma das tarefas básicas será a elaboração de monografias tribais bastante completas segundo um esquema que torne as culturas comparáveis entre si. Ao mesmo tempo se cuidará de fazer em todas as tribos, de acordo com prioridades que se estabeleçam, estudos intensivos de problemas particulares e temas específicos, indispensáveis para a discussão, em maior profundidade, de assuntos tais como, digamos, o da homogeneidade e da heterogeneidade da área cultural alto-xinguana, que há quase um século espera por uma explicação convincente, ou o das formas pelas quais se desenrola o processo de aculturação a que estão sujeitos os vários grupos nativos. E assim por diante. A execução do programa deverá, por um lado, obedecer a um consenso sobre o que se pretende conseguir e, por outro, ser bastante flexível para que cada pesquisador possa também trabalhar segundo a perspectiva de sua formação e de seus próprios interesses científicos. Como nas demais ciências humanas, em etnologia a interpretação dos fatos não prescinde da personalidade de quem a ela se aplica. Para que a execução de um projeto conjunto seja profícuo, requer-se tão-somente que os que dela participam não se deixem tolher pelo quadro rígido e pela estreiteza de tal ou qual orientação teórica e metodológica. Nada mais.

Para concluir, um pequeno adendo. Quando esbocei essa proposta no simpósio de Berlim, um cidadão cujo nome desconheço houve por bem interpelar-me em público, insinuando estar subjacente à idéia a tentativa de ressuscitar o romântico nacionalismo cultural tedesco de Emanuel Geibel, de saudosa memória. Se enveredarmos por este caminho, nada de aproveitável de conseguirá fazer. Não será, por certo, com antolhos ideológicos que vamos conhecer o Xingu. Mas não nos deixemos desencorajar pelos parvos que abundam por aí e que, por exemplo, nos querem fazer acreditar que, entre outras, a própria palavra aculturação deveria ser riscada do vocabulário etnológico porque, em seu entender, representa ou simboliza um execrando imperialismo capitalista. - Um dia, quem sabe, seremos obrigados a redefinir o conceito de ciência.

Bibliografia

Relacionam-se aqui publicações a que se faz referência no texto. Para o conhecimento da literatura etnológica sobre o Alto Xingu recorra-se à *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, em três volumes, os primeiros dois de Herbert Baldus (São Paulo, 1954, e Hannover, 1968), o terceiro de Thekla Hartmann (Berlim, 1984). Uma lista bastante completa, de uns duzentos títulos, se encontra no final da obra de Günther Hartmann abaixo mencionada.

- BAER, Gerhard. *Beiträge zur Kenntnis des Xingu-Quellgebietes*. Basileia, s.d. (1964).
- BALDUS, Herbert. *Tapirapé. Tribo Tupi no Brasil Central*. São Paulo, 1970.
- EHRENREICH, Paul. "Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsrer Kenntnisse", *Dr. A. Petermanns Geographische Mitteilungen aus Justus Perthes' geographischer Anstalt*. Gotha, XXXVII, 1891, 81-89, 114-124.
- GALVÃO, Eduardo. "Cultura e sistema de parentesco das tribos de alto rio Xingu". *Boletim do Museu Nacional*, N.S., Antropologia nº 14. Rio de Janeiro, 1953.
- GALVÃO, Eduardo, e SIMÕES, Mário F. "Kulturwandel und Stammesüberleben am oberen Xingú. Zentralbrasilien", em *Beiträge zur Völkerkunde Sudamerikas. Festgabe für Herbert Baldus zum 65. Gebyrtag*, p. 131-151. Hannover, 1964. É tradução de "Mudança e sobrevivência no Alto Xingu, Brasil-Central", *Revista de Antropologia*, XIV. p. 37-52. São Paulo, 1966.
- GREGOR, Thomas. *Mehinaku. The Drama of Daily Life in a Brazilian Indian Village*. Chicago e Londres, 1977.
- HARTMANN, Günther. *Xingú: unter Indianern in Zentral-Brasilien; zur einhunder jährigen Wiederkehr der Erörschung des Rio Xingú durch Karl von den Steinen*. Berlim, 1986.
- KRAUSE, Fritz. "Forschungsaufgaben im Schingu-Quellgebiet, Zentral-Brasilien", *Tagungsberichte der Gesellschaft für Völkerkunde. Bericht über die II Tagung 1936 in Leipzig*. Leipzig, 1937, p. 160-172.
- MEYER Herrmann. "Bericht über seine zweite Xingú-Expedition", *Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlim*. Berlim, 1900, p. 112-128.
- MÜNZEL, Mark. *Medizinmannwesen und Geistervorstellungen bei den Kamayurá (Alto Xingú - Brasilien)*. Frankfurt, 1971.
- _____. *Erzählungen der Kamayurá. Alto xingú - Brasilien*. Wiesbaden, 1973.

- MÜRPHY, Robert M. e QUAIN, Buell. *The Trumai Indians of Central Brazil*. Nova York, 1955.
- OBERG, Kalervo. *Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil*. Washington, 1953.
- RANKE, Karl E. "Beobachtungen über Bevölkerungstand und Bevölkerungsbewegung bei Indianern Zentral-Brasiliens", *Correspondenzblatt der deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*. Munique, nº 11, 1898, p. 123-143.
- SAAKE, Wilhelm. "Kulturwandel im Xingú-Quellgebiet". *Anthropos*, (Friburgo,) XLVII, 1952, p. 1022-1024.
- SCHMIDT, Max. "Ableitung südamerikanischer Geflechtmuster aus der Technik des Flechtens", *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, XXXVI, 1904, p. 490-512.
- _____. *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900-1901*. Berlin, 1905.
- _____. "Los Bakairí". *Revista do Museu Paulista*, N.S., I, São Paulo, 1947, p. 11-18.
- STEINEN, Karl von den. *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig, 1886.
- _____. *Die Bakairí-Sprache. Mit Beiträgen zu einer Lautlehre der karäibischen Grundsprache*. Berlin, 1892.
- _____. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiten Schingú-Expedition 1887-1888*. Berlin, 1894.
- WACLEY, Charles. *Welcome of Tears. The Tapirapé Indians of Central Brazil*. Nova York, 1977.
- WOLF, G. (Editor). *Encyclopaedia Cinematographica*. Göttingen, 1974.
- ZERRIES, O. Aus dem Leben der Taulipáng in Guyana. Filmdokumente aus dem Jahre 1911. Begleitveröffentlichung zu einem Film von Th. Koch-Grünberg und H. Schmidt. Göttingen, 1964.